

HABILIDADES SOCIAIS DE ADOLESCENTES SUPERDOTADOS

Cláudia Solange Rossi Martins ¹

INTRODUÇÃO

No momento presente, muitos aspectos pertinentes à educação do superdotado têm sido alvo de debates e discussões por estudiosos de diversos países, vistos através de grande volume de publicações a esse respeito (ALENCAR, 2001). Entretanto, pouco se faz no âmbito nacional, resultado da ignorância, preconceito e tradição com relação às pessoas superdotadas (ALENCAR, 1992; CUPERTINO, 2003; PÉREZ, 2003; ALENCAR e FLEITH, 2006; ALMEIDA e CAPELLINI, 2005; ALENCAR, 2007). Cupertino (2008) considera que a maior dificuldade situa na resistência em identificar os alunos com AH/S, normalmente baseados em preconceitos, como por exemplo, o pensamento de que pessoas com AH/SD não existem, a menos que possa dizer com 100% de certeza. Tal pensamento pôde ser observado no estudo de Barbosa (*et al*, 2005) onde as altas habilidades não foram reconhecidas pelos professores, dentre seus alunos. No mesmo sentido, o estudo de Almeida e Capellini (2005) realizado em escolas públicas estaduais do ensino fundamental da cidade de Bauru (SP) com 958 professores das salas de aulas regulares, mostrou que a maioria desconhece as necessidades desta população e os programas previstos para desenvolver talentos.

Alguns pesquisadores brasileiros, como Alencar e Fleith (2001), Guenther (2000) e Pérez (2003) têm apontado em suas publicações, crenças estereotipadas ou errôneas comumente aceitas pelo senso comum com relação às crianças com AH/SD, que têm constituído um percalço à provisão de condições mais favoráveis ao seu desenvolvimento. Como por exemplo, a concepção de que todas as pessoas com AH/SD não necessitam de uma educação mais enriquecida nas escolas, em virtude de serem privilegiadas em possuir capacidades em graus bastante elevados em relação ao seu grupo de pares (ALENCAR, 1992; CUPERTINO, 1997; ALENCAR, 2001; PÉREZ, 2003; FLEITH, 2006; ALENCAR, 2007; GUENTHER, 2003). Seguindo este raciocínio, não são raras as escolas que enfrentam muitas resistências quanto ao atendimento dos alunos com AH/S, porque “os professores, em geral, atribuem aos que evidenciam altas habilidades, um padrão de crianças prontas, que não necessitam de um atendimento mais especial, pois ‘já sabem tudo’ e são boas em tudo”

¹ Doutora em Educação Especial (UFSCar). Docente da Universidade Federal Rural da Amazônia – UFRA. Pesquisadora do GEDHAT. E-mail: claudia_martins492@hotmail.com

(NICOLOSO e FREITAS, 2002, p.1; ALONSO, 2008). Para Guenther (2000) este é um argumento falso, pois o potencial presente no plano genético ao nascer, é grandemente influenciado por fatores, condições e variáveis ambientais. Além disso, segundo a autora, a inteligência pode ser nutrida, alterada, recriada, emurchecida ou desenvolvida pelas condições e estimulação ambiental, durante as experiências de vida.

Trazendo para o cenário educacional atual, pode-se dizer que a organização da política de educação inclusiva não ocorre sem resistência, tendo em vista que a transformação dos sistemas de ensino, implica em uma definição da dinâmica de transição que desestabilizam as estruturas tradicionais e requerem mudanças a partir das parcerias estabelecidas, das experiências e da prática social (DUTRA e GRIBOSKI, 2006).

Inúmeros grupos sociais em situação de desvantagem permanecem à margem do sistema educacional, como é o caso, por exemplo, daqueles que apresentam AH/SD, que encontram muitas barreiras “para se encaixar” no esquema rígido da escola regular (FERREIRA, 2006, p.126). Pela resistência natural que toda sociedade demonstra para com o não-convencional (BATISTA e METTRAU, 2001), tais indivíduos não têm o hábito de associarem-se, sem às vezes viver conflitos externos que contribuem para a diminuição da sua autoestima e do equilíbrio emocional.

Frente a esta discussão, enfatiza-se a relevância da ampliação de estudos pertinente às habilidades sociais de estudantes com AH/SD, em especial, na fase da adolescência, por entender que o repertório de habilidades sociais constitui um fator de proteção para o desenvolvimento integral dos indivíduos, no sentido de ajudá-los a lidarem com situações estressantes.

Para tanto, os objetivos deste trabalho compreenderam: 1 - apontar como a falta de harmonia entre as necessidades emocionais, sociais, cognitivas e educacionais do superdotado aliada às condições e oportunidades oferecidas pela sociedade podem desencadear neste, conflitos intra e interpessoais; e 2 - apontar a necessidade de implantar ações preventivas por meio de programas de intervenção em habilidades sociais no contexto escolar.

Utilizando a pesquisa básica, bibliográfica e exploratória, os dados foram discutidos pelo método dialético.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A dimensão socioemocional dos alunos com AH/SD têm recebido menor atenção do que as características cognitivas e necessidades educacionais do superdotado (ALENCAR,

2007; FLEITH, 2007). Em decorrência, pouco se conhece a respeito de suas necessidades e características (FLEITH, 2007).

Dentre os superdotados, há grupos que se encontram mais vulneráveis à presença e manifestação de dificuldades socioemocionais, pela ocorrência de outras características pessoais associadas à superdotação. É o caso das mulheres com alta capacidade, jovens extremamente superdotados, crianças provenientes de minorias étnicas, culturais ou sociais, os superdotados que apresentam dificuldades de aprendizagem ou transtornos associados e ainda, os adolescentes superdotados (FERNÁNDEZ, 2006, p. 434).

A fase da adolescência é destacada neste estudo, porque, dentre as transformações (biológicas, hormonais e psicossociais) que ocorrem neste período, também se fazem presentes importantes mudanças nas relações interpessoais (MURTA, *et al*, 2006). Segundo Becker (1993) os padrões de comportamento entre os adolescentes em geral, são muito variáveis de grupo para grupo em uma mesma cultura e de indivíduo para indivíduo em um mesmo grupo, decorrentes de fatores sociais, culturais, familiares e econômicos. De acordo com Murta (*et al*, 2006) a qualidade das relações com os colegas e amigos tem um papel muito importante para a formação pessoal e o ajuste social dos adolescentes em geral, em um momento decisivo para o desenvolvimento da identidade pessoal e a independência da família.

Para os que apresentam AH/SD, a adolescência constitui-se em uma fase muito difícil em relação aos não superdotados, pelo conflito que vivem entre apresentar comportamentos ‘aceitáveis’ dentro de um grupo de colegas e ao mesmo tempo maximizar suas habilidades, sem permitir que suas ‘diferenças’ sejam evidentes (CROSS, GUST-BREY e BALL, 2002). Segundo Alencar (2007), a necessidade de ser aceito pelos pares faz com que muitos alunos com altas habilidades optem por disfarçar o seu potencial intelectual superior e passem a apresentar um rendimento acadêmico muito aquém de suas possibilidades.

Segundo Del Prette e Del Prette (2007), no ambiente social ocorrem exigências da subcultura grupal, que podem prejudicar o desenvolvimento social do indivíduo e contribuir para que este venha adotar estilos disruptivos em suas relações interpessoais, tais como: problemas de comportamento exteriorizantes ou interiorizantes. As adolescentes em geral, apresentam problemas do tipo internalizante, como a ansiedade e problemas de afetividade, ao passo que os adolescentes tendem a apresentar problemas do tipo externalizante, como a agressividade e o uso de drogas (MURTA, *et al*, 2006). Em consequência, a falta de determinadas habilidades sociais se torna crítica, podendo caracterizar as relações sociais

restritivas e conflitivas e interferir de maneira negativa sobre a saúde psicológica do indivíduo e sobre seu grupo (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2007).

Na verdade, os adolescentes com AH/S, por suas características específicas à superdotação estão vulneráveis a várias situações, que podem desencadear em desajustamento social, como é o caso do *bullying*. Em seu estudo, Ferreira (2008) pôde comprovar que quase 50% dos adolescentes com AH/S sofriam de *bullying* e eram vítimas de apelidos pejorativos e hostilidades por causa da sua condição. E, para evitar serem repelidos pela turma, eles optavam pelo isolamento social e negavam suas habilidades, principalmente no caso das meninas.

Tal diversidade de problemas entre os superdotados é um indicador de que esta população requer um grande investimento educacional que favoreça a promoção e a prevenção de um ajustamento social satisfatório. Em especial, na fase da adolescência, por ser este, um período indicado ao refinamento de habilidades que venham promover o estabelecimento e a manutenção de interações saudáveis nestes indivíduos (MURTA, *et al*, 2006).

Caballo (1999) defende que a escola é um espaço onde crianças e jovens em desenvolvimento devem continuar aprendendo, a fim de que possam ser/ permanecer socialmente habilidosos. Na falta de objetivos educacionais que promovam o desenvolvimento das Habilidades Sociais, há a possibilidade de que venham a perder-se pela falta de uso ou inibir-se por perturbações cognitivas e afetivas. O autor explica ainda que, quando o indivíduo participa de um programa específico ao desenvolvimento e aprimoramento de suas Habilidades Sociais, ele aprende a agir de forma efetiva numa situação, passando a repetir o procedimento com novas situações, até que se adquira um repertório de Habilidades Sociais. Neste sentido, defende-se que a implementação de um Treinamento de Habilidades Sociais, pode ser uma variável facilitadora do processo de inclusão daqueles que apresentam NEEs, a fim de propiciar o desenvolvimento das interações sociais, e desta forma, atuar na construção de uma sociedade mais igualitária e mais humana (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda pouco se conhece sobre o repertório de habilidades sociais de populações com necessidades educacionais especiais (BOLSONI-SILVA, *et al.*, 2006), assim como são poucos os estudos que caracterizam o repertório de HS em adolescentes com NEE no Brasil

(MURTA, *et.al.*, s.d.). No entanto, intervenções na área das HS já têm sido realizadas no âmbito do ensino especial em sujeitos com: deficiência sensorial, visual ou auditiva, autistas, hiperativos e com deformidade facial (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2006).

Contudo, segundo Lustosa (s.d.) a área das altas habilidades encontra-se em processo permanente de construção e, por essa razão, constitui-se em um desafio constante, o de compreender em profundidade esse fenômeno frente às demandas sociais vivenciadas pelos adolescentes com elevado potencial, a fim de poder auxiliá-los em seu ajustamento social, sob pena de ver seu talento desperdiçado e suas vidas incompletas.

Palavras-chave: Adolescentes, Altas Habilidades/Superdotação, Habilidades Sociais.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S. **A identificação e o atendimento ao superdotado.** Psicologia, Ciência e Profissão, 1992, vol.12, no.1, p.22-27.

ALENCAR, E. M. L. S. **Características Sócio-Emocionais do Superdotado: Questões Atuais.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 12, n. 2, p. 371-378, maio/ago. 2007.

ALENCAR, E. M. L. S. **Criatividade e Educação de Superdotados.** Vozes, 2001.

ALENCAR, E. M. L. S.; FLEITH, D. S. **A atenção ao aluno que se destaca por um potencial superior.** Revista Educação Especial, Santa Maria, 27(1), 2006. p.51-59.

ALENCAR, E. M. L. S.; FLEITH, D. S. **Superdotados: Determinantes, Educação e Ajustamento.** Temas Básicos de Educação e Ensino. 2ª ed. São Paulo: EPU, 2001.

ALMEIDA, M. A.; CAPELLINI, V. L. M. F. **Alunos talentosos: possíveis superdotados não notados.** Educação Porto Alegre – RS, ano XXVIII, n. 1 (55), p. 45 – 64, Jan./Abr. 2005

ALONSO, J.A. **La educación de los alumnos con Sobredotación intelectual.** In: ALONSO, J.A. (Org.) VII Congreso Iberoamericano. Lima. Agosto de 2008. p.37-65.

BARBOSA, M. C. D. L.; SIMONETTI, L. G.; RANGEL, M. **Relato da vida escolar de pessoas com transtorno obsessivo compulsivo e altas habilidades.** Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Mai.-Ago. 2005, v.11, n.2, p.201-222.

BATISTA, Ana Lúcia; METTRAU, Marsyl Bulkool. **O portador de Altas Habilidades e sua inclusão na sociedade.** In: Cadernos de Educação Especial. n. 18, Edição 2001.

BECKER, D. **O que é Adolescência?** Coleção Primeiros Passos. 10ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

BOLSONI-SILVA, A. T.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, G.; MONTAGNER, A. R.; BANDEIRA, M.; DEL PRETTE, A. **Habilidades Sociais no Brasil.** In BANDEIRA, M.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. (Orgs.). Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal (pp.1-45). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

- CABALLO, V. E. **O treinamento em Hab. Sociais.** In: CABALLO, V. E. (Org.) Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento. S. P.: Ed. Santos, 1999. p. 361-398.
- CROSS, Tracy L.; GUST-BREY, Karyn; BONNY BAL, P. *A Psychological Autopsy of the Suicide of an Academically Gifted Student: Researchers' and Parents' Perspectives.* Gifted Child Quarterly, 2002. p. 247-264.
- CUPERTINO, Christina (Org.). **Um olhar para as altas habilidades:** construindo caminhos/Secretaria da Educação, CENP/CAPE – São Paulo: FDE, 2008.
- CUPERTINO, Christina. **Enfrentando a diferença:** um programa de aconselhamento para alunos superdotados. *Ideación*, n. 12, dezembro 1997.
- DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Habilidades Sociais:** conceitos e campo teórico-prático. Texto online, disponibilizado em <http://www.rihs.ufscar.br>, 2006.
- DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais:** vivências para o trabalho em grupo. 6 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das Habilidades Sociais na Infância:** teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- DUTRA, C. P.; GRIBOSKI, C. M. **Educação Inclusiva:** um projeto coletivo de transformação do sistema educacional. In: MEC/ SEESP. Ensaio Pedagógico, 2006.
- FERNÁNDEZ, Lda. María Peñas. *Características socioemocionales de los adolescentes superdotados:* ajuste psicológico y negación de la superdotación. Tesis Doctoral. Universidad Pontificia Comillas de Madrid. 2006.
- FERREIRA, Jane Farias Chagas. **Adolescentes talentosos:** características individuais e familiares. Tese (Doutorado) – Univ. de Brasília, Brasília, 2008.
- FERREIRA, W. B. **Educar na Diversidade:** práticas educacionais inclusivas na sala de aula regular. In: MEC/ SEESP. Ensaio Pedagógico. Brasília – DF, 2006.
- FLEITH, D. S. **A construção de práticas educacionais para o aluno com altas habilidade/superdotação:** Vol. 1 Orientação a professores. Brasília: SEESP/MEC, 2007.
- FLEITH, D. S. **Criatividade e altas habilidades/superdotação.** Cadernos: Ed. 2006, n28.
- GUENTHER, Z. C. **Educação de bem dotados:** alguns conceitos básicos. 2003. Psicopedagogia, Ano 1, n.2, p.30-38.
- GUENTHER, Zenita Cunha. **Desenvolver capacidades e talentos:** um conceito de inclusão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- MURTA, S. G.; DEL PRETTE, A.; NUNES, F. C.; DEL PRETTE, Z. A. P. *Problemas en la adolescencia.* In: J. C. Salamanca (Ed.) Manual de intervención psicológica para adolescentes: ámbito de la salud y educativo. Colômbia: PSICOM, Editores, 2006.
- NICOLOSO, Cláudia Maria Ferreira; FREITAS, Soraia Napoleão. **A escola atual e o atendimento aos portadores de altas habilidades.** Cadernos: edição: 2002 - N° 19.
- PÉREZ, S. G. P. B. **Mitos e Crenças sobre as Pessoas com Altas Habilidades:** alguns aspectos que dificultam o seu atendimento. In: Cad. de E Esp., v.2 n.o 22, p. 45-59, 2003.